

O sexo “pagão” e o pecado cristão: Uma dicotomia acerca da sexualidade em “As brumas de Avalon” (1982)

Ana Carolina Lamosa Paes
Universidade Estadual de Maringá

RESUMO: A presente comunicação vincula-se ao Projeto de Iniciação Científica, intitulado: “História e Literatura: as narrativas mitológicas em *As Brumas de Avalon* (1982)”, tendo como fonte a obra *As brumas de Avalon*, escrita por Marion Zimmer Bradley, no ano de 1982. Trata-se de uma releitura da lenda arturiana, inspirada na obra de Sir Thomas Malory, *La mort d’Artur* (1470), porém, adotando uma abordagem distinta, onde abre espaço para as mulheres da lenda, colocando-as em evidência. Com intuito de compreender alguns traços da relação entre a sexualidade e a religião, analisaremos a fonte, tendo em vista os ritos da religiosidade “pagã” onde a sexualidade e o feminino são enaltecidos e a chegada da fé cristã, instaurando um discurso repressivo, quanto ao sexo. Para fundamentar tal discussão, utilizaremos os apontamentos de Mircea Eliade (1992), quanto à compreensão dos ritos presentes na obra, e Michel Foucault (2015), a fim de abarcar discussões quanto a normatização da sexualidade.

Palavras-chave: As brumas de Avalon; Sexualidade; “Paganismo”; Cristianismo

INTRODUÇÃO

O estudo que será aqui apresentado, tem por objetivo analisar a vivência e a prática da sexualidade, cristã e “pagã”, e suas dicotomias, na obra *As Brumas de Avalon*. Escrita por Marion Zimmer Bradley e publicada em 1982, numa versão de volume único, a obra revisita a lenda arturiana e busca novas abordagens. Apesar de ser uma única obra, ela aparece dividida em quatro livros: “*A senhora da Magia*”, “*A grande Rainha*”, “*O Gamo-Rei*” e “*O Prisioneiro da Árvore*”. No Brasil, foi

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



publicado numa coletânea de quatro volumes pela editora Imago, traduzidos os três primeiros volumes por Waltensir Dutra e o quarto por Marco Aurelio P. Casarino.

A obra trata da lenda arturiana, tendo como fonte de inspiração a obra de Sir Thomas Malory, *La mort d'Artur* (1470). Buscando renovar esta abordagem, Bradley abre espaço para as mulheres da lenda, sendo este um significativo diferencial da história habitualmente conhecida.

Ao desenvolver uma versão bastante renovada da história, a autora pretende ofertar às mulheres da lenda, um lugar de destaque. A trama se desdobra no período Medieval, durante os conflitos da Bretanha, resistindo aos saxões invasores. Junto destes povos, vem também sua crença, o cristianismo, e a partir desse conflito inicia-se uma tentativa de manutenção dos cultos à Deusa, originais da região da Bretanha e o avanço crescente da fé cristã.

O ponto de partida do enredo da obra são as filhas de Avalon: Viviane, a Senhora de Avalon; Morgause; Igraine, mãe de Artur e Morgana, aquela que deverá substituir Viviane, após sua morte, como Senhora de Avalon. O fato histórico perpassado pela lenda é a busca pela unificação da Bretanha, com o fim das lutas contra a invasão saxônica, e a disputa entre a fé cristã em ascensão e os cultos à Deusa, tradicionais da região.

Marion Eleanor Zimmer Bradley, autora do romance, nasceu em 3 de junho de 1930, em Albany, Nova Iorque. Sua infância se dá logo após a grande depressão econômica de 1929, o que a faz crescer num lar bastante humilde. Ao completar 16 anos, Marion ganha como presente de aniversário sua primeira máquina de escrever e, a partir daí, exercita o ato e o hábito da escrita. (PINHEIRO, 2011)

Durante muito tempo escreveu literatura considerada de fácil tiragem, vendendo livros de conteúdo erótico e romances de ficção científica para garantir o sustento de sua família. Em 1958, obteve certo reconhecimento, ao publicar o primeiro romance da série Darkover, intitulado *The Planet Savers*, outro de seus livros de ficção científica. Mas é nos anos 1980 que Bradley marca sua carreira ao publicar *The Mists of Avalon* (*As brumas de Avalon*), destoando de sua produção anterior, pois este é um livro longo e com um enredo mais complexo. A obra permaneceu por três meses na lista dos Best-Sellers do *The New York Times*,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



ultrapassando a marca de 300.000 exemplares vendidos, nesse período. (SEKLES, 1987)

Devido a seu sucesso, foi adaptada para filme no ano de 2001, sob direção de Uli Edel, roteiro de Gavin Scott, produção de Bernd Eichinger e Gideon Amir, com fotografia de Vilmos Zsigmond e trilha sonora de Lee Holdridge. Sob título *The Mists of Avalon*, o drama com duração de 183min, foi trazido ao Brasil com o nome de *As Brumas de Avalon*, sendo distribuído pelos estúdios Warner Bros. Pictures, e conta com nomes como Anjelica Houston no papel de Viviane, Julianna Margulies como Morgana, Caroline Goodall como Igraine, e Edward Atterton atuando como Artur. (QUENTAL, 2003)

Apesar de haver alguma dificuldade para encontrar referências mais completas sobre a vida de Marion Zimmer Bradley, notamos a sua passagem por distintas comunidades religiosas e, embora se apresentasse como cristã, demonstrou interesse por crenças neopagãs e tinha atração especial pelo ocultismo. Segundo Paxton, cunhada de Bradley e companheira de escrita, os trabalhos de Dion Fortune podem ter sido a grande influência acerca do ocultismo e de onde viria a inspiração para a magia de Avalon. (PINHEIRO, 2011)

Dion Fortune é o pseudônimo literário de Violet Mary Firth Evans (1890-1946), psicóloga e escritora ocultista britânica. Fortune ficou conhecida por suas obras acerca de magia e ocultismo, saber que, segundo ela, adquiriu através de Theodore Moriarty, após desacreditar da psicoterapia. Bradley cita a obra *Avalon of the Heart*, de Fortune, como tendo sido de grande importância para a construção da sua narrativa. Existe alguma dificuldade em construir a biografia da autora, sendo que estas informações apresentadas foram coletadas de sites, reportagens, entrevistas e poucos trabalhos acadêmicos que buscaram uma investigação mais profunda, mas que fornecem apenas dados pontuais, sem muitos detalhes.

Realização:



Apoio:



Trama e desenvolvimento

Para este estudo, utilizaremos de diversas contribuições presentes nos dois primeiros volumes da coletânea, intitulados “*A senhora da magia*” e “*A grande rainha*”, tendo em vista que narrativas presentes nestes volumes são de grande contribuição para a elucidação das ideias que nos propomos a refletir. A obra, em sua totalidade, aborda a questão da transição do período pré-cristianizado, onde as tradições desta sociedade ainda se mantêm, como algumas práticas vão sendo apropriadas pela fé cristã e por fim, um mundo já cristianizado. A sexualidade, em muito, é o cerne da questão e nos pareceu interessante para a elaboração deste artigo, um estudo mais detalhado a respeito da expressão da sexualidade, “pagã” e cristã, tendo como objetos de reflexão, Morgana, a feiticeira “pagã” e Gwenhwyfar, a esposa cristã.

O enredo se inicia contando a história de Igraine, filha de Avalon, que é dada em casamento a Gorlois, duque da Cornualha, no intuito de selar uma união entre a fé cristã e o povo de Avalon. Gorlois, lutando em batalhas persistentes na região da Bretanha, e Igraine recebendo em Tintagel, seu palácio, a visita de Viviane, Alta Sacerdotisa, acompanhada de seu pai Taliesin, o Merlin. Nessa visita, Viviane revela a Igraine que tivera uma visão na qual Gorlois morreria em alguns meses sem deixar herdeiros, e lhe diz também que ela irá gerar o líder que salvará a Bretanha, mas que esse filho não será fruto do seu casamento com Gorlois e sim com um homem que usa o símbolo do dragão ou serpente e que não é saudosos dos cultos cristãos, o rei Uther Pendragon.

Igraine conhece Uther e sente-se atraída por ele, dando a entender que estavam destinados a ficar juntos desde vidas passadas em tempos imemoriais. Com a ajuda da magia e de Merlin eles se casam imediatamente após a morte de Gorlois. Desta união nasce Artur, aquele que irá tornar-se Rei da Bretanha.

Já com alguns anos de vida, Viviane propõe a Uther mandá-lo para ser criado com outra família; embora relutante, ele aceita o conselho. Viviane aproveitando o momento da visita e ao observar que Morgana, filha de Igraine e Gorlois, já se

tornara uma adolescente, pede para levá-la a Avalon para treiná-la como sacerdotisa. Recebendo aprovação do rei, ela volta a Avalon acompanhada da sobrinha, que pouco a pouco vai questionando os aprendizados cristãos e incorporando os valores pagãos.

Depois de anos de treinamento, Morgana torna-se uma sacerdotisa e lentamente avança para a substituição de Viviane como Senhora de Avalon. Por sua vez, Artur, criado por outra família, é chamado para reivindicar o trono da Bretanha, já que Uther se aproxima da morte. Para cumprir a profecia, Artur deve passar pelo ritual do Gamo-Rei e, se obtido o sucesso, receber a espada Excalibur, vinda da lenda, como forma de selar o acordo de que governaria tanto para os cristãos quanto para Avalon.

A ilha de Avalon é onde se concentra a magia e poder da Deusa, e um mundo invisível e resguardado pelas brumas, porém ameaçado pelo cristianismo que avança pela Inglaterra. Viviane, com a intenção de salvar Avalon, direciona Morgana, como parte do seu treinamento de sacerdotisa, a participar de um ritual de fertilidade durante as festividades do início da Primavera. Durante o ritual, acontece o chamado Grande Casamento, que é quando Morgana, a Donzela Caçadora, e Artur, o Galhudo – a Deusa e o Deus – deverão consumir o ato sexual. O que Morgana não sabe é que o homem escolhido é seu irmão Artur. Aos primeiros raios de sol da manhã, já como humanos e não como deuses, é quando eles percebem quem são realmente.

Morgana e outros de Avalon vão à cerimônia de coroação de Artur e lá reencontra sua mãe Igraine e a Tia Morgouse, que logo percebe que sua sobrinha está gestante, e busca descobrir informações sobre a gravidez. Morgana fica ainda mais perplexa, pois desconhecia tal fato, e assim nada revela. Encaminha-se para a corte do Rei Lot onde sua tia Morgouse a acolhe para que passe todo o período em que gestará o herdeiro do Rei da Bretanha.

O sagrado e o dessacralizado

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Ao nos debruçarmos sobre a questão da sexualidade antes e depois da presença do cristianismo, nos defrontamos com grandes transformações acerca do tratamento com o corpo, com a sexualidade e com o feminino. Na obra *As brumas de Avalon*, nos deparamos com a apresentação de uma forma de religiosidade que tem como principal divindade a Deusa e que acaba colocada em oposição ao Deus cristão, elucidando uma alteração no papel de homens e mulheres, na sociedade.

A partir dos apontamentos de Lourdes Feitosa (2005), ao falarmos sobre a sexualidade, podemos recuperar uma abordagem quanto ao simbolismo do falo, nas culturas anteriores ao cristianismo. Há bastante tempo, este era um símbolo de poder e glória, do agente divino e remetia às divindades, sendo, inclusive tratado como objeto de culto. Contrariando este antigo simbolismo, a sociedade contemporânea aborda o falo de outras formas

Diferente da menção pudorada a ele destinada em sociedades contemporâneas, influenciadas por valores religiosos que atribuem conotações negativas ao sexo e aos elementos a ele associados, a representação do falo era frequente na sociedade romana (FEITOSA, 2005, p. 45).

No decorrer da narrativa, é possível perceber a presença deste simbolismo, mais precisamente durante a realização do ritual do Grande Casamento, onde Morgana e Artur entram em contato com as divindades e selam a união.

Após a morte do antigo Gamo, Artur e Morgana se dirigem a uma caverna, onde devem consumir o ato sexual, com seus corpos em posse da divindade. Na descrição que Morgana nos fornece na narrativa, podemos identificar a presença de diversos símbolos fálicos nas paredes do espaço em que se encontram.

Uma tocha brilhou diante de seus olhos, e levaram-na para a escuridão, ecoando silêncios acima e além dela, uma caverna. À sua volta, nas paredes, pôde ver os símbolos sagrados, pintados desde o princípio do tempo, o gamo, os galhos, o homem com os galhos na testa, a barriga crescida e o peito intumescido (...) Ele aproximou-se também tonto, nu, trazendo apenas uma grinalda como a dela, em torno das virilhas, e Morgana pôde ver a vida, ereta, surgindo nele como na figura desenhada no alto da caverna. (BRADLEY, 2008, p.199)

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



É possível realizarmos uma reflexão quanto a transformação de sentidos que um símbolo recebe ao passar do tempo e ao passar das transformações culturais. Ao nos atentarmos às contribuições de Mircea Eliade (1979), podemos analisar a relação do homem moderno com os símbolos do passado. É de grande dificuldade estabelecer-se enquanto distante destes objetos, uma vez que perpassam a imaginação e não desaparecem por completo. “O símbolo, o mito, a imagem, pertencem à substância da vida espiritual, que se pode camufla-los, mutila-los, degrada-los, mas que nunca se poderá extirpa-los” (ELIADE, 1979, p.12)

Partindo destes apontamentos, percebemos o porquê destes elementos se apresentarem numa narrativa que, embora retrate um momento histórico medieval, é escrita no século XX, denotando, então, a sobrevivência destes símbolos. Na medida que estes símbolos, uma vez utilizados como elementos de uma religiosidade, ao se transformar e perder este caráter, torna-se possível operacionalizar o conceito de dessacralização, apresentado por Mircea Eliade (1979)

É esquecer que a vida do homem moderno ferve de mitos semi-esquecidos, de hierofania decadentes, de símbolos esvaziados de sua finalidade. A dessacralização ininterrupta do homem moderno alterou o conteúdo da sua vida espiritual, mas não quebrou as matrizes da sua imaginação: todo um resíduo mitológico sobrevive nas zonas mal controladas. (ELIADE, 1979, p.18)

Segundo Viviane Santana (2014), o cristianismo se apresenta enquanto uma possibilidade de respaldar as inquietações do homem da Idade Média. A Igreja, ao chegar num momento de guerras e conflitos, propõe-se a exercer a função de “regulador da vida moral e espiritual, utilizando-se desse deslize em proveito próprio. Nesse cenário, a sexualidade, o corpo, por meio da renúncia dos prazeres da carne, passou ao controle da temporalidade eclesiástica.” (SANTANA, 2014, p.260)

A autora afirma que, ao buscar estabelecer uma regulação quando a prática do sexo e suas formas, a igreja torna-se dominante quanto à vida moral e espiritual das pessoas. Portanto, à medida que se apresenta com ritos relacionados ao sexo, encontra-se aqui o grande embate entre os ritos desta religiosidade pré-cristã e a fé cristã, na figura da igreja.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



A medida que estas relações se transformam, outros valores sociais e morais ganham espaço. Santana entende que a igreja passa a exercer um controle sobre as pessoas, à medida que dita as formas e as práticas sexuais, já que a sexualidade, de acordo com os preceitos cristãos, era dada às pessoas com o objetivo unicamente de procriação. A partir disso tanto a monogamia, quanto a virgindade para as mulheres vem a se tornar um valor importante, assumindo um caráter de virtude. “A vida sexual ideal passou a ser inexistente. A Virgindade tornou-se um grande valor, seguindo os modelos de Cristo e sua mãe” (FRANCO JÚNIOR apud SANTANA, 2014, p. 264)

Podemos perceber essa diferenciação num momento de conversa entre Igraine e Morgouse, que embora sua irmã, é criada como filha. Elas conversam a respeito da relevância da virgindade em sua religiosidade e para os cristãos: “Entre nosso povo a virgindade não tem grande importância; uma mulher de fertilidade comprovada, o ventre cheio com um filho saudável, é a esposa mais desejável. Mas com os cristãos não é assim. Eles irão tratá-la como mulher desonrada. ” (BRADLEY, 2008, p.85)

“Sua virgindade é sagrada para a Deusa. Conserve-a, até que a Mãe torne conhecida sua vontade” (BRADLEY, 2008, p.154). A virgindade recebia uma conotação positiva à medida que fosse ofertada à Deusa, diferenciando da intenção da igreja, na qual deveria ser guardada e entregue ao marido, sendo este o seu possuidor. Morgana, quando é avisada por Viviane que iria vir a participar do ritual do Grande Casamento, percebe, por meio das palavras de Viviane que esta era uma bênção, oferecer a sua virgindade para a Deusa e esta era uma ddiva

Morgana, eu lhe disse há vários anos que sua virgindade pertence à Deusa. Ela a pede, agora, em sacrifício ao Galhudo. Você será a Donzela Caçadora e a noiva do Galhudo. Você foi a escolhida. Havia grande silêncio na sala, como se estivessem outra vez no centro das pedras circulares, no ritual. (...) Meu corpo e minha alma pertencem a Ela, para fazer deles o que desejar - disse baixinho. -E sua vontade é a vontade Dela. Que assim seja. (BRADLEY, 2008, p.193)

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Percebemos, então, existente na obra, a chegada do cristianismo e com ele uma normatização das práticas; e a partir dos apontamentos de Michel Foucault podemos avaliar a regulação da sexualidade enquanto um dispositivo de poder

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (FOUCAULT, 2015, p.98)

Algumas práticas instauradas, como a ideia de pecado e penitência, são apresentadas na obra e demonstram mais uma das diferenças que passam a existir na relação do homem com a religião e com a sexualidade

Deve-se buscar seu ponto de formação nas práticas de penitência do cristianismo medieval, ou antes na dupla série constituída pela confissão obrigatória, exaustiva e periódica imposta a todos os fiéis pelo Concílio de Latrão (FOUCAULT, 2015, p.109)

No momento em que aquele que confessa, se vergonha de contar o pecado ao confessor, configura-se uma forma de penitência formal.

Não é a revelação que, de uma maneira ou de outra, vai provocar a remissão dos pecados. No máximo, encontramos o seguinte nos textos da época (isto é, entre os séculos VIII e X da era cristã): a revelação, a revelação feita ao padre, é uma coisa penosa, que acarreta um sentimento de vergonha. Nessa medida, a revelação mesma já é uma espécie de pena, é como um início de expiação. Alcuíno diz dessa confissão, que se tornou necessária para que o padre desempenhe seu papel de quase médico, que ela é um sacrifício, porque provoca a humilhação e faz enrubescer. Ela provoca a *erubescencia*. O penitente enrubescer quando fala e, por causa disso, "dá a Deus - diz Alcuíno - uma justa razão para perdô-lo" (FOUCAULT, 2001, p.219)

Não é possível observarmos na obra qualquer forma de prática assemelhada à confissão, no âmbito dos cultos à Deusa. Mas quando nos debruçamos sobre o dia a dia em Camelot, onde vivem Artur e Gwenhwyfar, circundados por padres, notamos na fala da rainha um temor quanto a presença do pecado e como existência destes podem estar impedindo que Deus lhe conceda herdeiros.

Mais uma vez ela concebera, e mais uma vez tudo se perdera, tão depressa que mal percebeu que estivera grávida - seria sempre assim? Seria estéril, seria o castigo de Deus por não ter se

Realização:



Apoio:



empenhado desde o início em fazer do marido um cristão melhor?
(BRADLEY, 2008, p.129)

Gwenhwyfar, sendo uma jovem que foi criada e educada em um convento, se sente constantemente cercada do pecado, visto que nutre sentimentos por Lancelot e sente-se como traindo seu marido por meio dos pensamentos.

Gwenhwyfar sentiu uma pontada no coração, ao ver os olhos de Lancelote. Parecia-lhe que podia ler os pensamentos do rapaz, que ele diria em voz alta, se pudesse, o que já dissera uma vez: Meu coração está tão cheio da minha raiva que não há nele lugar para nenhuma outra mulher.... Conteve a respiração, mas o moço apenas suspirou e riu, e ela pensou: "Não, sou uma mulher casada, uma mulher cristã, é pecado até mesmo abrigar tais pensamentos. Terei de fazer penitência."

Considerações finais

No presente artigo, buscamos abordar a obra *As brumas de Avalon* (1982), trabalhando os dois volumes "A Senhora da Magia" e "A Grande Rainha", sob a perspectiva da História das Religiões, a fim de compreendermos a forma como a chegada do cristianismo na Bretanha provoca grande transformação nos hábitos e ritos da sociedade. A ideia de "dessacralização" de Mircea Eliade (1979) e alguns apontamentos de Michel de Foucault no tocante à sexualidade e quanto a alguns preceitos da fé cristã, se mostraram interessantes para que fosse realizada a problematização da narrativa.

Dessa forma, os conceitos apresentados pelos autores citados acima, podem ser de grande auxílio teórico e fundamentais para a compreensão das personagens presentes na obra *As brumas de Avalon*.

Contudo, ressaltamos que este é um primeiro olhar buscando relacionar a obra "As brumas de Avalon" (1982) e as questões desta temática, sendo assim os pontos levantados e as considerações apresentadas são apenas possibilidades, não anulando as demais perspectivas que podem ser usadas ao observarmos a totalidade da obra.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



REFERÊNCIAS

BRADLEY, Marion. *As brumas de Avalon: A senhora da magia*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

FEITOSA, Lourdes Conde. Representação do amor e da sexualidade na literatura acadêmica. In: *Amor e Sexualidade: o /masculino e o feminino em grafites de Pompeia*. São Paulo: Annablume: 2005. p. 41-46

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. v. 1. A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque – 3ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, M. Os Anormais. Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo, Martins Fontes, 2001. p. 211 - 254

PINHEIRO, Renata Kabke. *Viviane e Morgana: uma nova dicotomia em meio à tensão discursiva de "As Brumas de Avalon"*. Pelotas, 2011. Centro de Ciências Sociais e Tecnológicas, Universidade Católica de Pelotas. (Tese de Doutorado)

QUENTAL, Irene Bosisio. Adaptações Cinematográficas Arturianas: Excalibur, Lancelot e As Brumas de Avalon. in *Ensaaios Arturianos*, p. 45-54. Rio de Janeiro, 2003.1.

SANTANA, Viviane Caminhas. *Dogmas e prazeres: o discurso moral religioso em torno da vivência da sexualidade no ocidente medieval*. Revista Margens Interdisciplinar, [S.l.], v. 8, n. 11, p. 254-268, ago. 2014. ISSN 1982-5374.

"Pagan" Sex and Christian Sin: A dichotomy about sexuality in "The Mists of Avalon" (1982)

ABSTRACT: This Article is linked to the Scientific Initiation Project, entitled: "History and Literature: The Mythological Narratives in The Mists of Avalon (1982)" having as source the work *The mist of Avalon*, written by Marion Zimmer Bradley, in the year of 1982. It is a re-reading of the Arthurian legend, inspired by the work of Sir Thomas Malory, *La mort d'Artur* (1470), but adopting a distinct approach, where it opens space for the women of the legend, putting them in evidence. In order to understand some traces of the relationship between sexuality and religion, we will analyze the source, in view of the rites of "pagan" religiosity where sexuality and the feminine are extolled and the arrival of the Christian faith, establishing a repressive discourse, to sex. In order to substantiate such a discussion, we will use Mircea Eliade's (1992)

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação





notes on the understanding of the rites present in the work, and Michel Foucault (2015), in order to include discussions about the normatization of sexuality.

Key words: The mists of Avalon; Sexuality; "Paganism"; Christianity

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação

